



Revista Portuguesa de Estomatologia, Medicina Dentária e Cirurgia Maxilofacial

www.elsevier.pt/spemd



Editorial

Um novo paradigma de prática clínica

A new paradigm for clinical practice

Jaime Portugal^{a,*} e Duarte Marques^b

^a Editor-chefe, Revista Portuguesa de Estomatologia, Medicina Dentária e Cirurgia Maxilofacial

^b Editor associado, Revista Portuguesa de Estomatologia, Medicina Dentária e Cirurgia Maxilofacial

Longe vão os tempos em que o médico era encarado como um semideus. Longe vão os tempos em que os doentes aceitavam o tratamento que lhes era imposto sem se questionarem.

Com o advento da internet, massificou-se a informação disponível nas diversas áreas do saber e apresenta-se à nossa porta uma nova geração de doentes. É cada vez mais comum o clínico, médico estomatologista ou médico dentista deparar-se com doentes que, baseados nas mais diversas fontes de informação, por vezes de origem duvidosa, aparecem perante o profissional de saúde oral com o seu autodiagnóstico pre-estabelecido, procurando condicionar a solução terapêutica a seguir. Na realidade, com a globalização dos conhecimentos, basta ter acesso à internet e utilizar um simples motor de pesquisa geral para, em segundos, ter acesso a um enorme volume de informação. Só na área da saúde existem quase 50 milhões de páginas em português. O problema, como todos sabemos, é que a maior parte da informação disponibilizada nestes motores de pesquisa usualmente utilizados pelo público não passa por nenhum crivo de seleção e, por esta razão, nem sempre apresenta o rigor científico desejável.

As práticas convencionadas ao longo de anos, assentes na pesquisa de livros de texto ou na consulta de colegas mais experientes, não se coaduna *per se* com as constantes solicitações a que o clínico está exposto na sua prática diária, com doentes cada vez mais exigentes e inquisitórios.

Nesta época de profundas mudanças, a enorme quantidade da informação disponível e os constantes e rápidos avanços tecnológicos e científicos na área da saúde oral aumentam o nível de exigência a que o médico estomatologista e o médico

dentista se encontram sujeitos para desempenhar a sua prática clínica de dia para dia com a qualidade que lhe é exigida.

Para uma correta e eficaz integração do conhecimento disponível espera-se que o clínico possua a capacidade de analisar a evidência científica disponível, ao mesmo tempo que integra a experiência clínica nas expectativas dos doentes.

Durante a sua prática, o clínico é confrontado diariamente com diversas questões clínicas que requerem algum tipo de pesquisa e leitura de fontes científicas. Para tal, tem ao seu dispor diversos motores de pesquisa especializados e várias bases de dados bibliográficas, algumas de acesso livre como a SCIRUS, ScienceDirect e a Medline/Pubmed¹. No entanto, trata-se de uma tarefa nem sempre fácil de cumprir devido à proliferação às vezes desordenada de artigos e revistas. Por ano, são publicados mais de 4 000 artigos nas mais de 700 revistas da área da saúde oral^{2,3}. A leitura de tal quantidade de informação implicaria, em última análise, a utilização de mais de 5 h diárias, só para atualização. Tal facto não se coaduna com o *modus vivendi* atual, no qual as carreiras e rotinas de vida são demasiado absorventes.

A questão que surge então é: «Como atualizar os conhecimentos de uma forma eficaz e eficiente?».

Poderá haver quem pense que se está a exigir demasiado ao profissional, que tem de exercer a sua atividade clínica diária ao mesmo tempo que deve procurar uma constante atualização.

Não cremos que seja esse o espírito que a classe tem vindo a demonstrar ao longo dos anos. Acreditamos que a grande maioria se soube adaptar e consegue usufruir dos recursos

* Autor para correspondência.

Correio eletrónico: portugaljaime@netcabo.pt (J. Portugal).

1646-2890/\$ – see front matter © 2012 Publicado por Elsevier España, S.L. em nome da Sociedade Portuguesa de Estomatologia e Medicina Dentária.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.rpem.2012.11.002>

disponíveis. Através da utilização *online* de bases de dados primárias ou secundárias, recorrendo à utilização de termos MeSH e utilizando diversos critérios e limites que visam restringir a sua busca à questão em mente.

A segunda questão que poderá existir é: «Como integrar esta evidência científica com a perícia e experiência clínica que por vezes não se possui?».

Mais uma vez, as novas tecnologias permitiram a troca de partilhas clínicas à distância e em tempo real. O envio de imagens por *email*, os fóruns *online* e as redes profissionais e sociais em que existe contacto entre profissionais com diversos níveis de conhecimento e experiência clínica permitem a discussão de casos e o esclarecimento de dúvidas entre clínicos que poderão estar a muitos quilómetros de distância, num espaço de minutos.

Obviamente, ainda existem lacunas que necessitam de ser colmatadas nos tempos vindouros, como a capacidade para aceder a evidência clínica em tempo útil, sem que o produto/técnica em questão não tenha sido descontinuado/modificado. Devido ao elevado tempo que muitas vezes os investigadores têm de esperar para ver publicado o resultado das suas pesquisas, essa informação poderá chegar ao clínico fora do tempo considerado útil. Por outro lado, o clínico deverá dotar-se das ferramentas que lhe permitam proceder à análise crítica dos artigos de modo a poder destringir a qualidade dos mesmos. Apenas com uma criteriosa triagem da informação

disponibilizada o clínico poderá manter-se atualizado e capaz de prestar um serviço de qualidade aos doentes.

Chegamos então à última questão, talvez a mais complicada de todas nos tempos de hoje, que é a capacidade de integrar a evidência científica na experiência clínica e adaptá-la às expectativas do paciente, que poderão estar condicionadas por componentes emocionais, sociais ou económicos.

O tempo da medicina impositora encontra-se em desuso e cabe ao clínico adequar o plano de tratamento às expectativas do doente, mantendo-o informado dos riscos-benefícios de todas as possíveis alternativas terapêuticas.

Os tempos poderão ser difíceis, mas o importante é encarar estas dificuldades como uma oportunidade a nosso favor e a favor dos doentes. Desejos de um ótimo ano de 2013.

BIBLIOGRAFIA

1. Donato H. Comunicação em Medicina: Guia Prático. Bial; 2012.
2. Richards D. Evidence-Based Dentistry: Managing Information for Better Practice. Quintessence Publishing; 2008.
3. Niederman R, Chen L, Murzyn L, Conway S. Benchmarking the dental randomized controlled literature on MEDLINE. *Evid Based Dent.* 2002;3:5-9.